

## A MÍSTICA NO MST: UM PRISMA DE POSSIBILIDADES

Andréa Freire de Carvalho<sup>i</sup>/ Universidade Federal de Sergipe

[andreavaz@msn.com](mailto:andreavaz@msn.com)

Camila Bomfim de Gois<sup>ii</sup>/ Universidade Federal de Sergipe

[milabgois@gmail.com](mailto:milabgois@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa realizada com os alunos do curso de Pedagogia da Terra na perspectiva de abordar a mística enquanto dimensão no processo formativo-educativo dos alunos do curso de Pedagogia da Terra do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, de modo a apresentar como esta se delinea, quais prismas ou nuances esta assume nos encontros presenciais e o significado que esta apresenta para os alunos do referido curso frente aos desafios e limites enfrentados no decorrer da realização do referido curso. Para tanto, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a aplicação de questionários, observação direta da elaboração e realização da mística durante os encontros presenciais no Assentamento Moacir Vanderley, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro/SE.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mística; Formação de Professores; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

### ABSTRACT

This article is the result of a research work we've been through, and, it has as object of study the mystic while dimension in the process of formation of the sons and daughters of landless rural workers, called college students of "Pedagogia da Terra", from Educational Department of Universidade Federal de Sergipe, aiming analyze how they manage the mystic to fit into their propose, their subtle differences and prisms. The mystic is carefully planned and developed during the meetings in the settlement Moacir Vanderley, located in Nossa Senhora do Socorro, SE. In order to achieve the understanding we need to study the mystic we made use of surveys and direct observations, as well as a qualitative approach.

**KEY- WORDS:** Mystic; teachers' formation; landless workers

## Introdução

A mística utilizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma prática que pertence unicamente ao Movimento, e neste artigo, pretendemos iniciar uma análise da mística enquanto processo de formação dos alunos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária – PROPED, também conhecido como “Pedagogia da Terra”, termo que optamos em utilizar no decorrer da pesquisa, durante o desenvolvimento do Tempo Escola – TC, no Assentamento Moacir Vanderley – Socorro/SE.

Para atingir tal objetivo utilizamos como estratégia metodológica uma associação de momentos no campo empírico e no campo teórico. Assim, participamos de aulas durante os encontros presenciais, TC, que parafraseando Lucini “[...] foram mais especiais porque, ao caminhar, nos demos às mãos, e o caminhar tornou-se o compartilhar” (2007, p. ix). Realizamos também um levantamento da bibliografia básica acerca da mística e do MST. Como instrumentos de coleta de dados, desenvolvemos entrevistas, aplicação de questionário e observação.

Adotamos uma abordagem fenomenológica que de acordo com Heidegger citado por Brüseke e Sell, remete-nos aos termos gregos “fainómenom” e “logos” e é explicado pelo autor como “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (2006, p.18). Em concordância com tal conceito, consideramos primordial a observação das místicas elaboradas pelos alunos do MST, pois

como é próprio da mística, é difícil explicá-la porque, para entendê-la, é necessário senti-la e vivê-la. Isso, no entanto, não impede que se estude e sistematize o conteúdo, a fundamentação dessa prática, já que ela terá tanto mais vigor quanto mais profundas forem suas raízes que, além de alimentar, a sustentam (BOGO, 2002 p. 10).

Hegel citado por Boff (2005) afirma que a fenomenologia são as manifestações do espírito na consciência. Espírito é o ser humano na sua totalidade, enquanto ser que, pensa, decide, tem identidade, tem subjetividade, é sujeito. Descreve que

Uma caneta não é sujeito. Ela não se pensa a si mesma, não cria identidade. Então, espírito é o modo de ser. Não é uma parte do ser humano, é um a maneira de ser desse ser exótico da natureza que aparece como homem e mulher, na medida em que ele faz história, isto é, constrói a si mesmo junto com os outros. É um ser cultural, da natureza, mas que atua sobre ela, modificando-a: destruindo-a ou pilotando-a positivamente. É um ser ético, que decide os pós e os contras, que tanto pode desejar o bem do outro,

associando-se a ele, como pode rejeitá-lo, eliminando-o (BETTO; BOFF, 2005, p.76).

A utilização metodológica da fenomenologia nos permite de acordo com Merleau-Ponty citado por Cirigliano, ficarmos cientes de “que fenômeno é este” através de uma descrição relevante, pois “[...] se a pertinência diz respeito a estrutura fenomenal e à sua complexidade constitutiva, a relevância diz respeito à situação concreta de semelhante estrutura”, acrescentando que “[...] é no acontecimento que o sentido emerge como fenômeno” (1972, p.18). Acrescenta que

em nome da relevância é que a estrutura se reorganiza, a sua multiplicidade se unifica em função de uma ordem que não é abstrata, meramente conceitual, mas vivida no contexto de uma situação existencial a partir da qual o sentido emergente em tal lugar deve necessariamente ser privilegiado e considerado como princípio de ordenação dos sentidos que se manifestam em outros lugares (MERLEAU-PONTY apud CIRIGLIANO, 1972 p.18).

## **Desenvolvimento**

A origem da palavra mística se encontra na história do cristianismo e fora dele, num contexto extremamente religioso, ligado aos mistérios. Portanto, “[...] a etimologia, que sempre deixa rastro semântico na palavra, faz derivar o termo do verbo grego “muiém”: iniciar, instruir alguém nos mistérios; e mais comumente na voz passiva: ser iniciado, instruído nos mistérios. Tem também um sentido mais primitivo [...] atitude de recolhimento” (LIBÂNIO; HENGEMULE, 1997, p.24). Bogo chama a atenção para as dificuldades de entendimento da palavra mistério de origem grega “[...] esta ligada a mistério (mustérion), e daí ao latim eclesiástico *mysterium*, e que, durante a história cristã, este termo foi sendo apropriado pela religião católica e, portanto, pela filosofia idealista” (BOGO, 2003, p.309).

Bogo (2002) descreve que é impossível conceber a militância no movimento sem a mística. A mística é movimento, é como uma mola que impulsiona na caminhada, não deixando o ser humano, considerado por este como o principal símbolo reverenciado pelo MST, desanimar. A mística é luta, é força, é energia, é memória, é sorriso, é lágrima, é o gosto do suor que escorre pela face do camponês que não se deixa abater pelas injustiças sofridas e pela negação dos seus direitos, pois é

nessa trajetória marcada por um lado, pelo sofrimento, pela discriminação e injustiças, mas por outro, permeada de alegria, solidariedade e dignidade, fruto de conquistas e, vitórias alcançadas, a mística tem sido nossa companheira, que faz o longe se aproximar, que faz a “noite escura da dor e

da morte” passar depressa, para que a beleza do amanhecer de um novo tempo – a liberdade – brilhe intensamente (BOGO, 2002, p. 10).

Desse modo, o MST organiza místicas carregadas de significações históricas, sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas, com a intenção de sensibilizar seus integrantes mediante a mobilização e a integração dos trabalhadores numa perspectiva de refletirem as reais necessidades da cotidianidade dos assentados.

A mística pode ser traduzida neste estudo como uma estratégia integradora de ações que fortalece, garantindo a união dos trabalhadores (alunos) envolvidos no processo, mediante a sensação de identificação, pertencimento e enraizamento que esta desperta. Essencialmente humana, a mística traz à tona sentimentos e emoções próprios de cada ser histórico e por isso mesmo ela transcende, vai além do descritível, é única e subjetiva para cada um. Para Lucini “[...] alimenta a luta porque nos lembra que somos humanos” (2007, p.215), completando que enquanto

humanos, a desigualdade social entre iguais não se justifica, assim como não se justificam a violência, a injustiça, a exploração, a fome, a negação do acesso ao trabalho, à terra, à destruição dos recursos naturais sem os quais a vida humana é impossível. É por isso que a mística pode ser compreendida também como a defesa da vida, com todos os elementos que a ela se referam. (Op. Cit.,).

A mística tem um poder que motiva o enraizamento<sup>iii</sup> dos alunos nas áreas de assentamento, pois, tem uma força motivadora para anunciar as injustiças e alertar sobre o sentimento em relação ao fortalecimento e valorização da vida humana

desse modo, o MST utiliza a mística como integradora da prática pedagógica porque motiva o sentimento de pertença e de enraizamento ao Movimento, quando essa anuncia a injustiça e a desigualdade entre os homens no sentido de fortalecer e valorizar a vida humana. A mística atua como uma onda impetuosa que emerge no indivíduo no seio de uma coletividade criando “forças para continuar a luta, uma consciência política em continuar lutando porque compreende a desigualdade na sociedade (SOARES, 2006, p.129).

Na generosidade, nos sentimentos e nos sentidos que os alunos dão ao vivido nos assentamentos, eles conquistam a dignidade tão desejada por todos os que acreditam na possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa forma, os símbolos, os hinos, as poesias e outros adornos são indicadores de pertença e enraizamento que se encontram presentes no momento da elaboração das místicas que possuem conteúdos que desenvolve capacidades e habilidades para conscientizar, de modo que os alunos “[...] consigam decifrar

os enigmas da realidade, transformá-la de maneira que beneficie o desenvolvimento social de forma harmônica” (BOGO, 2002, p. 56). Portanto, se caracteriza como estratégia para manter coesa a organização social.

Para a organização social – MST, o ato da mística motiva a luta e fortalece o sentido atribuído ao próprio ato de encenação desta que rompe ou abre fronteiras e possibilidades para seguir o impulso de continuidade que conduz à idéia transcendente e que mobiliza o próprio ser para a conquista de direitos sociais. Assim sendo, abre-se a perspectiva de fortalecimento do movimento na medida em que os envolvidos elaboram místicas englobando o econômico, o político, o social, o histórico e o religioso, dando legitimidade à consagração de atos que anunciam a desigualdade social estabelecida entre os homens. Pois, “há uma dignidade que nasce do engajamento político por causas universais como a defesa dos direitos humanos [...] contra a deteriorização das condições de vida, e outras causas que visam diretamente situações históricas” (BOFF, C. BOFF, L.; 1979 p.48). Salienta ainda que a importância da mística no processo de identificação com as lutas sociais, pois a

complexidade dos elementos que compõem a mística nos permite indicar ainda que ela, materializada nas ações do Movimento Sem Terra, acolhe os sujeitos que, ao ingressar no MST, passam a viver essa mística, (re) constituindo-se como homens e mulheres que refundam suas vidas. Essa refundação da vida implica o rompimento com uma vida anterior que, na maioria das vezes, procede do abandono social. Incluído nesse abandono a negação do acesso ao trabalho, à educação, à moradia, ao atendimento à saúde, ao alimento e à dignidade (LUCINI, 2007, p.215).

Neste sentido, Lucini afirma que a formação do sujeito Sem Terra se constrói no dia-a-dia das ações desencadeadas pelo Movimento Sem Terra com o objetivo despertar no sujeito o sentimento de reconhecer enquanto parte do Movimento, buscando o pertencimento, o fortalecimento, o enraizamento. Para Soares (2006) o processo formativo-educativo oportuniza compreender a desigualdade social mediante uma mística, que se faz presente em toda ação dos indivíduos no MST reunidos pelo bem comum.

## **Conclusão**

Objetivando uma educação que alcance o maior nível de completude possível, ou seja, uma educação que torne os alunos militantes conscientes de sua realidade, capazes de analisá-la, compreendê-la e transformá-la, ou como afirma Soares “[...] elevar esse sujeito à condição digna de vida porque compreende a conjuntura social, econômica e política do País” (2006, p. 76), o Movimento dos Trabalhadores Rurais pelegam para ter seus filhos estudando nas

universidades. O curso de Pedagogia da Terra representa uma vitória conquistada, e que mediante a mística realizada nas brigadas, nos encontros presenciais, nas reuniões promovidas pelos envolvidos no MST jamais cairá no esquecimento. Vale destacar que, de acordo com Soares, o processo formativo-educativo do sujeito Sem Terra é exercido na prática e na teoria, dentro e fora da escola, nos encontros, nos seminários, nos congressos, “[...] na prática social coletiva, nas comemorações, celebrações em que a memória e a história são mobilizadas na evocação do passado que legitima a continuidade da luta” (2006, p.75).

Imbuídos do sentimento adquirido por meio do desenvolvimento da mística os alunos buscam formas diferenciadas para sanar dificuldades, os fracassos e os desafios de cada disciplina durante os módulos, tendo em vista o alcance do sucesso, ou seja, ser aprovado na disciplina. A mística é uma estratégia peculiar e exclusiva do Movimento na busca de compreender um conjunto de fatores (sociais, culturais, políticos e históricos) advindos da desigualdade social estabelecida entre os homens na contemporaneidade.

Como se nota, a raiz de toda a mística centra-se na vontade daqueles que buscam persuasivamente construir caminhos. Desse modo, “[...] não fazemos o que queremos, e sim aquilo que nos é permitido pelas condições objetivas da realidade” (BOFF, 1980, p. 191), o que se configura na vontade política, no compromisso social e na responsabilidade de cada um. A mística se apresenta como uma estratégia “[...] imprescindível de desbloqueio e de compromisso para com a libertação [...] a todos os homens, especialmente os mais necessitados” (Op. Cit.). É um momento reflexivo que se desencadeia num constructo de tomada de consciência<sup>iv</sup> e de responsabilidade, cujo resultado beneficiará significativamente o fortalecimento dos indivíduos envolvidos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, permitindo emergir determinadas atitudes em torno das quais se identificam valores, crenças e convicções.

É impossível pensarmos no MST e não nos recordarmos da força que tem a mística. Ela está presente nos passos seguros dos militantes, na cabeça erguida dos alunos ao adentrarem um espaço ocupado, seja no assentamento ou na Universidade, ela está presente no andar enfileirado quando marcham lutando por seus direitos, no levantar de cabeça e queixo orgulhoso por ser identificado como um Militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Em tudo percebemos a presença da mística, mas ela vai além destes fatos, ela está presente nos nomes colocados nas crianças que nascem para homenagear os companheiros e companheiras que já se foram nos símbolos que compõe o MST, ou seja, enraizados na memória, celebrados por suas histórias de lutas e resistência, a mística esta presente na cultura

do movimento definida por Bogo como “[...] a seqüência de recordações interligas (2002, p.09). E ainda podemos afirmar que as místicas

são narrativas e atos comemorativos e ou celebrativos que reafirmam o resgate e a valorização da historias e memórias dos trabalhadores e lutadores do povo que, no enfrentamento com uma memória e uma história oficializadas, foram silenciadas, negadas ou manipuladas. E na denúncia de seu silenciamento reivindica-se o direito à memória e à história (LUCINI, 2007, p. 216-217).

Para Nascimento e Martins, (2008) a mística é utilizada pelo MST e seus atores coletivos com o objetivo de “fortalecer pela espiritualidade” para continuar a caminhada de lutas, de engajamentos e de buscas constantes por uma sociedade mais justa e solidária. Para estes, a importância da mística enquanto ação educativa deve-se ao fato de que esta fortalece, encoraja, estimula, ensina, cria e recria novas ações coletivas por parte dos trabalhadores rurais. Segundo os referidos autores toda mística tem como sentido último “a libertação das pessoas” ou, como coloca Bogo, “[...] a libertação significa ação que liberta a liberdade cativa” (2002, p.23). E é essa libertação que acreditamos ser o ponto chave da dimensão do processo formativo- educativo da mística realizada no e pelo MST, tornando o militante um ser humano pleno, consciente do mundo e de sua realidade.

Assim, a mística é um dos aspectos utilizados para o processo inicial de formar sujeitos colocando situações gritantes acerca da vida entre os homens, em especial, o nível de desigualdade entre os sujeitos, como seja: a prática de injustiça, todo o tipo de violência e todo o “[...] processo de exclusão social” (SOARES, 2006, p. 87). A mística faz-se presente nesse processo formativo-educativo como forma de manter viva a luta e recuperar pensamentos de pessoas que lideraram e deram sua vida em prol da luta pela reforma agrária no Brasil e no mundo.

Portanto, o MST incorpora “[...] a mística como uma prática social que faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta” (STÉDILE; FERNANDES, 2000, p. 129). Elas vivem tão fortemente com suas convicções que passam a semear um entusiasmo contagiante porque buscam forças para a continuidade da luta, ficam mais destemidas e determinadas para anunciar e celebrar os momentos das vitórias e também das tristezas.

A mística tem a função de nos inquietar, de remexer com o pó e nos fazer querer levantar e sacudir a poeira que havia se assentado. Mística é vontade de agir, de mudar, é uma inquietação que leva ao movimento, à reflexão e ação e muito mais... Sentimentos indescritíveis e emoções inexplicáveis são despertados. Não se observa uma mística, se sente!

É como ser levado de volta às raízes e sentir que essas comecem a inquietar, querendo mais, querendo ir além, romper barreiras, lutar por justiça, sonhar com igualdade de direitos e deveres, é perceber e sentir as injustiças e se identificar com aqueles que estão (re) contanto a história... É querer ir além, ou como afirma Bogo “[...] é um mistério que vira mística. O inexplicável brincando de se revelar, mas sempre escondendo mais e mais as causas dessa motivação sem fim” (2002, p. 14).

Dada à importância que a educação<sup>v</sup> tem na vida do ser humano, e dado ao fato de que este é um direito basicamente negado aos excluídos da nossa história brasileira, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, luta, exige, denuncia e avança passo a passo no sentido de ser ouvido e atendido.

No entanto, abordar a mística desenvolvida pelo MST é sem sombra de dúvida um desafio, quando pensamos nesta como “[...] um elemento integrador das dimensões históricas, políticas, sociais e também um diferencial mobilizador para aglutinar trabalhadores rurais em prol de um único ideal” (SOARES, 2006, p.193) – a conquista social que foi usurpada ao longo desse longo processo histórico no qual estamos inseridos.

Imbuídos do sentimento adquirido por meio do desenvolvimento da mística os alunos buscam formas diferenciadas para sanar dificuldades, os fracassos e os desafios de cada disciplina durante os módulos, tendo em vista o alcance do sucesso, ou seja, ser aprovado na disciplina. A mística é uma estratégia peculiar para entender um conjunto de fatores (sociais, culturais, políticos e históricos) advindos da desigualdade social estabelecida entre os homens na contemporaneidade.

Como se nota, a raiz de toda a mística centra-se na vontade daqueles que buscam persuasivamente construir caminhos. Desse modo, “[...] não fazemos o que queremos, e sim aquilo que nos é permitido pelas condições objetivas da realidade” (BOFF, 1980, p. 191), o que se configura na vontade política, no compromisso social e na responsabilidade de cada um. A mística se apresenta como uma estratégia “[...] imprescindível de desbloqueio e de compromisso para com a libertação [...] a todos os homens, especialmente os mais necessitados” (Op. Cit.). É um momento reflexivo que se desencadeia num constructo de tomada de consciência<sup>vi</sup> e de responsabilidade, cujo resultado beneficiará significativamente o fortalecimento dos indivíduos envolvidos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, permitindo emergir determinadas atitudes em torno das quais se identificam valores, crenças e convicções.

Quanto ao porque da mística talvez a raiz da resposta tenha sido dada por Betto e Boff (2005), ao escrever “Porque a mística e a espiritualidade têm a ver com experiências, e não doutrinas”. Acrescenta que a mística não é privilégio de alguns “bem-aventurados”, e que esta ao alcance de todos os que se dispuserem a ver o mundo para além de seus muros. Segundo estes, a mística

não é, pois, privilégio de alguns bem-aventurados, mas uma dimensão da vida humana à qual todos têm acesso quando descem a um nível mais profundo de si mesmos; quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do universo. Todos, pois, somos místicos num certo nível (BETTO; BOFF, 2005, p.39).

Até o presente momento, ao fazermos uma análise da mística dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra pertencentes ao Movimento Sem Terra, inferimos a essa uma dimensão formativa, política, social, espiritual, cultural e histórica dentre outras que podem estar implícitas ou implicadas dentro da abrangência que compõe a mística. O ser humano dotado de uma enorme capacidade intelectual e espiritual de transformar-se a partir de um processo de assimilação, compreensão e entendimento, transforma a mística por eles praticada em aptidões, conhecimentos e experiências que lhes possibilitam “nutrir-se” desta e transformá-la em energia, força e movimento, para que assim lhes seja possível continuar no Movimento Sem Terra, lutando por justiça, equidade social e Reforma agrária; almejando uma vida, um trabalho, um salário, enfim, condições de vida justa e digna que lhes permitam crescer enquanto seres humanos. No entanto, a mística vai além de política, religiosidade, lutas sociais, etc. A mística vai além, é uma espiritualidade sem se deter na religiosidade, é uma força invisível, extraordinária e suprema atuando no consciente e inconsciente dos sujeitos, tornando-os ciente de suas realidades diversas e contraditórias, modificando-os de tal forma que torna impossível não transformar-lhes a realidade, trazendo-lhes os sonhos cada vez mais perto.

#### REFERÊNCIA ELETRÔNICA:

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. MARTINS, Leila Chalub. **Pedagogia da mística: as experiências do MST.** Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/viewArticle/128>.

VIEIRA, Luis Carlos. **A Mística no MST: um ritual Político.** Disponível em: [http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213630966\\_ARQUIVO\\_AM\\_isticanoMST.pdf](http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213630966_ARQUIVO_AM_isticanoMST.pdf)

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e Espiritualidade**. 6ª edição. Rio de Janeiro, Editora Garamond Ltda. 2005.
- BEZERRA NETO, Luiz. **Sem-Terra aprende e ensina**: estudo sobre as práticas educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BOFF, Leonardo. **O Caminhar da igreja com os oprimidos**: do vale das lágrimas à terra prometida. Rio de Janeiro: CODECRI, 1980.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da Libertação**. O sentido teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOGO, Ademar. **A Águia e a Galinha**: uma metáfora da condição Humana. 29ª Edição. Petrópolis, RJ; Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Arquitetos de sonhos**. São Paulo: Expressão Popular. 2003.
- \_\_\_\_\_. **O MST e a cultura**. Caderno de Formação nº 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O Vigor da Mística**. Caderno de cultura. N 02. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Lições da Luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Identidade e luta de Classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- BOTO, Carlota. **A Escola do Homem Novo**: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa. São Paulo. Editora UNESP, 1996.
- BRÜSEKE, Franz Josef. SELL, Carlos Eduardo. **Mística e Sociedade**. Universidade do Vale de Itajaí. Itajaí. São Paulo: Paulinas, 2006.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Educação em Movimento**: formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CIRIGLIANO, Gustavo F. G. **Fenomenologia da Educação**. Tradução de Isaída Bezerra Tisott. Petrópolis, RJ. Vozes, 1972, 2ª Edição.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; Gonçalves, Carlos Walter. P. **Josué de Castro, Fome de Justiça**. In: Josué de Castro. Vida e Obra de Bernardo Mançano e Carlos Walter. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução: Kátia de Mello e Silva; Revisão técnica: Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. **Navegar é preciso. Viver é traduzir rumos...** Rotas do MST. 2003. 282f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2003.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução Célia Nunes e Alderico Toríbio. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- LIBÂNIO, João Batista. HENGEMÜLE, Edgard. **Mística e Missão do Professor**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LUCINI, Marizete. **Memória e História na Formação da Identidade Sem Terra no Assentamento Conquista na Fronteira**. 2007.230f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Estadual de Campinas UNICAMP: Campinas, 2007.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I,II,III. São Paulo: Loyola, 2001.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Construindo o caminho**. 2ª edição. São Paulo, 2001.
- PELOSO, Ranulfo. **A Força que anima os Militantes**. São Paulo: MST, 1994.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA – UFS, São Cristovão – SE, 2007.

SOARES, Maria José Nascimento Soares. **O Processo Formativo-Educativo dos Trabalhadores Rurais do MST/SE: a prática pedagógica dos monitores-professores**. 2006. 216f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2006.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela Terra no Brasil**. 1ª reimpressão. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

---

<sup>i</sup> Andréa Freire De Carvalho é graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. Participa como bolsista FAPITEC da pesquisa “A mística enquanto dimensão na formação dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de Sergipe”, orientada pela Professora Doutora Maria José Nascimento Soares.

<sup>ii</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, Bolsista de Iniciação Científica CNPq/UFS.

<sup>iii</sup> Corroborando com o entendimento de enraizamento para Weil, “[...] é talvez a necessidade mais importante e a mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivo certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente” (1979, p.411). Já Caldart afirma que “[...] a formação dos sem terra esta num processo de enraizamento projetivo que têm diversos e combinados significados [...] proporciona a estas pessoas a condição de vincular-se novamente a um passado e a uma possibilidade de futuro” (2000, p.67). E advoga ainda que “[...] contra a deteriorização das condições de vida, e outras causas que visam diretamente situações históricas” (BOFF, C.; BOFF, L.; 1979, p.48 in LUCINI, 2007).

<sup>iv</sup> Para Freire, a tomada de consciência, ultrapassando a mera apreensão da presença do objeto (ou do fenômeno) o coloca, de forma crítica, num sistema de relações, recolocando-a na totalidade em que se deu o processo da conscientização. Assim, a “[...] conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1979, p.26).

<sup>v</sup> Segundo Soares, a preocupação com a educação em áreas de assentamento teve seu início no Rio Grande do Sul, e, que “[...] ao lado das lutas pela terra, uma equipe de professores iniciou, espontaneamente, a educação das crianças.” O MST propõe uma educação diferenciada das existentes na atualidade, buscando atender às demandas que existem na zona rural, ou seja, pensando em uma proposta pedagógica que forme e fortaleça o sujeito social, por meio da compreensão por parte destes, do processo formativo-educativo de seu contexto social. Assim, a proposta pedagógica proposta pelo Movimento deve “[...] estar em sintonia com seus novos sujeitos, propondo [...] estabelecer vivências coletivas, que permitam novas significações à prática pedagógica e a escola do meio rural” (SOARES, 2006 p. 84), fomentando relações sociais entre os envolvidos no processo formativo educativo (SOARES, 2006, p. 83-84).

<sup>vi</sup> Para Freire, a tomada de consciência, ultrapassando a mera apreensão da presença do objeto (ou do fenômeno) o coloca, de forma crítica, num sistema de relações, recolocando-a na totalidade em que se deu o processo da conscientização. Assim, a “[...] conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1979, p.26).